

uma mudança de clima

Francisca Olga Marinho¹

Eis uma constatação climática à qual só cheguei recentemente: no sertão não existe meteorologia. Não por falta de ciência, mas de necessidade. Pois para que previsão, se o tempo não tem nada de imprevisível?

Claro, há as moças e moços do tempo nos jornais, estações meteorológicas e toda parafernália necessária para declarar os dias de sol seguidos por dias com mais sol, todos estirados sobre um céu aberto num azul tão despudoradamente vivo que faz doer a vista — às vezes uns salpicos de nuvens brancas ainda aparecem aqui e ali, servindo de ornamento. Mas quem liga? Ninguém pega o celular ao acordar para conferir se leva ou não o guarda-chuva pro trabalho: não precisa. Nenhuma mãe salva de última hora o filho distraído que quase sai para rua sem o providencial casaco que tanto pode lhe valer daqui algumas horas — “no caso de esfriar”: não haverá tal caso.

Dada essa monotonia climática, lembro da minha irritação em criança quando calhava de ver a moça do tempo repetir no jornal a cantilena de sempre: “...e no Nordeste: sol o dia todo”. Aborrecia ver o Sul e o Sudeste pintados naquele azul quase roxo pressagiando chuva e o nosso cantinho do mapa todo dia no mesmo amarelo desbotado. Como eu sentia inveja! Adivinhava as crianças de Florianópolis, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo chegando em casa da escola e, mal engolindo o almoço, correndo rápido pras bicas na rua, pulando nas poças e atirando água com os pés umas nas outras. E eu ali, voltando das aulas pelos cantos de muro, como mandava minha mãe, roçando o braço no cimento na busca por um fiapo de sombra que amansasse um pouco o sol.

Acredito que muita gente saiba, nem que seja de ouvir falar, o quanto a chuva, quando chega, é celebrada, mesmo venerada, no sertão. Mas, só para esclarecer, isso não vale para todo o Nordeste, pois eu mesma já ouvi muito nordestino de capital falar mal e reclamar de chuva, coisa que para ouvido sertanejo soa tão ruim quanto blasfêmia, mau agouro e ingratidão. Não há quem, tendo sido criado vendo água como relíquia e assistindo rio virar barreiro, não trema com uma pontinha da alma ao ouvir um “desgraça de chuva!” dentro de casa, por mais avançado em ciência e materialismo que seja.

Na minha infância era assim: nos anos bons, quando começavam a embrionar as primeiras nuvens promesseiras de chuva, começava também a aflorar na gente aquela esperança de que ela não mais tardaria. Dias ficávamos numa ânsia atenta, vigilantes do céu, vendo muitas dessas nuvens passando cinzas, soturnas, sem nada nos dar; e outras ainda, como mulher seca, vindo e indo embora enquanto seus filhos remanesciam com fome. Quando, finalmente, caía o primeiro aguaceiro

¹ Jornalista, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: olga-marinho@hotmail.com.

e girávamos nos pés inquietos querendo sair, aquela negativa cortante: primeira chuva é para limpar as telhas, dizia minha mãe, só serve para escorrer as sujeiras acumuladas do ano anterior. Então ficávamos, eu e minha irmã — e mais outras crianças, em outras casas, com outras mães — só espiando da janela ou pelas frestas na porta, com os olhos arregalados e o espanto na voz, com que força as águas desciam pelas calhas e se espalhavam pela rua, e dentro da gente uma alegria há tanto tempo presa querendo se espalhar com elas.

Nada disso eu imaginava que criança do Sul passasse: essas esperas, essas aflições. Pois o inverno, como se via pela televisão, lá durava quase o ano inteiro; além de não haver calor, porque as cidades eram sempre friazinhas, como se a natureza desse a cada um o próprio ar-condicionado. Mas ai!, que dia desses, já em adulta, de repente uma revelação cai sobre mim como balde de água fria, ou pior, gelada! Nunca me passara pela cabeça — nem antes, nem agora — que uma coisa empatasse a outra e que frio e chuva não se combinassem.

Foi pela boca de meu marido que me veio a tal revelação, sendo ele de uma terra muito fria do Sul, me contou nunca na vida haver tomado banho de chuva. Nem ele, nem os irmãos, nem os amigos, nem ninguém de suas relações. Jamais na cidade dele alguém saía à rua apenas para se banhar nas águas que vêm do céu: o frio não deixa — congela, adoce; criança não duraria nem três minutos. E só nesse momento foi que me dei conta, com remorso por dentro, que nosso calor tão escorraçado, nossa mesmice meteorológica tão lamentada, era justamente o que ia alimentando dia por dia, com taliscas de esperança, a felicidade que lá na frente desataria, robusta, debaixo da chuva, e que isso não seria possível, se não fosse ele, o sol, nos esquentando e acolhendo, mesmo nas horas nas quais as águas lavavam os telhados das casas e as almas da gente.

“Mas assim também não é a vida?”, penso eu agora. É, porém a gente quase não percebe, porque se percebesse sempre, quem conseguiria viver? No caminhar das coisas tudo tem que estar muito equilibrado e harmonioso para que se possa experimentar uma felicidade: calor e frio, sol e chuva, nem muito ao céu, nem tanto à terra. Surpreende que alguma coisa alguma vez ocorra bem, nossas alegrias são tão frágeis e a vida tão incompreensível, tão imprevisível, que, para nosso consolo e ilusão, só nos restam as estações meteorológicas.